

## “As bellas amethystas”: Garimpos e relações comerciais em Brejinho das Ametistas (Alto Sertão da Bahia, 1870-1930)<sup>1</sup>

Carla Graciela Chaves de Castro Cotrim\*

**Resumo:** Este estudo analisa a conjuntura do descobrimento e primeiras décadas de exploração da mineração na vila de Brejinho de Ametistas/BA. Inicia-se com dados registrados por memorialistas e viajantes, e nesse sentido identifica incongruências de informações apresentadas por estas fontes. Tais dados farão recuar a época da descoberta de tais minérios ao mesmo tempo em que redimensiona as relações movidas por aqueles garimpos. Em seguida, analisa por meio de correspondências pessoais e processos cíveis, relações comerciais movidas pela mineração de Brejinho durante as primeiras décadas do século XX, envolvendo a participação de imigrantes alemães e ricos comerciantes de Caetité/BA, principalmente Deocleciano Pires Teixeira. Tal parceira fomentou a dinâmica do comércio dos ditos minerais e facilitou sua chegada ao seu principal destino, a Alemanha.

**Palavras-chave:** Alemães; Garimpos; Brejinho das Ametistas.

### O início da exploração dos garimpos e historiografia do Alto Sertão baiano

“As bellas amethystas”, foi assim que os viajantes Spix e Martius definiram o minério oriundo das minas de Brejinho das Ametistas<sup>2</sup> quando passavam pelo Alto Sertão da Bahia<sup>3</sup> no início do século XIX. Também compartilhou dessa ideia o memorialista mineiro Antonino da Silva Neves, em sua obra escrita em 1845, assim descreveu: “As jazidas de amethystas do Salto e do Brejinho são as mais ricas do mundo” (NEVES, 1908, p. 383), e ainda acrescentou:

---

<sup>1</sup> Esse artigo faz parte do primeiro capítulo da monografia defendida em 2014 pela autora.

\* Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia.

<sup>2</sup> Brejinho das Ametistas localiza-se no Alto Sertão da Bahia. Atualmente é distrito do município de Caetité/BA, distante 28 km desta cidade. O local foi reconhecido como arraial em 1909, sendo então anexado ao território de Umburanas. Em 1923 passa definitivamente a fazer parte do território de Caetité.

<sup>3</sup> De acordo Estrela (2003) “[...] o alto sertão baiano compreende uma vasta área do sudoeste que, partindo do Médio São Francisco, limita-se ao sul com o estado de Minas Gerais; ao norte, abrange as Lavras Diamantinas, limitando-se ao leste com a região de Vitória da Conquista” (ESTRELA, 2003, p.39).

As amethystas do Salto eram até há bem pouco por assim dizer mais conhecidas no Rio de Janeiro e na Europa que no sertão. Enfeitaram, contam, o vestido de casamento da primeira ou da segunda imperatriz brasileira. (NEVES, p. 383, 1908)

Analisando as informações levantadas acima à luz dos debates historiográficos, é possível inferir que a descoberta do minério de Brejinho ocorreu em momento bastante anterior ao que outros viajantes e memorialistas descreveram, já que a maioria aponta para as décadas de 1870 e 1880. Indica também que por muitos anos ocorreu certo sigilo sobre o descobrimento de tais minérios, certamente o anonimato garantiria a posse de tais metais para poucas pessoas, gerando bons preços no mercado, além de fortunas aos descobridores.

Nesse sentido, a temporariedade definida neste trabalho deve ser pensada de forma parcial, haja vista que os fatos históricos não se sucedem numa sequência linear. Delimitamos nosso estudo como período inicial a década de 1870, data em que também aparece como marco inicial da exploração das ametistas, conforme demonstraremos no decorrer deste texto. Como não há um consenso nestas informações, a demarcação se justifica pela datação das fontes já encontradas. O período pesquisado se estende até morte de dois mineradores que mantinham estreita relação com a mineração de Brejinho, no final da década de 1920, a saber: o imigrante alemão Otto Petry, que residia na vila de Brejinho e o comerciante Deocleciano Pires Teixeira, que morava na cidade de Caetité (centro comercial mais próximo de Brejinho). Posteriormente a este momento, as relações vivenciadas nos garimpos ganharam outros contornos, influenciadas principalmente pela política nacionalista do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, como analisamos no trabalho monográfico.

O início da exploração deste minério na região é bastante controverso. Para alguns viajantes e memorialistas, as atividades de mineração da região de Brejinho se iniciam por volta de 1870. O memorialista Dário Cotrim afirmou que

[...] no ano de 1873 os baianos descobriram pedras roxas no alto da Serra das Ametistas, na fazenda "Boa Vista" ali, onde se forma o divisor das águas do Rio de Contas e do São Francisco. (COTRIM, 1997, p. 84)

Teodoro Sampaio, quando passou por Caetité entre as décadas de 1870 a 1880, afirmou que se sabia muito pouco sobre os minerais da região de Caetité, registrando

**“As bellas amethystas”: Garimpos e relações comerciais em Brejinho das Ametistas (Alto Sertão da Bahia, 1870-1930)**

que as reservas minerais ainda “[...] carecem de mais larga investigação” (SAMPAIO, 1905, p, 112). O mesmo viajante ainda nos fornece a seguinte descrição sobre a ocorrência de ametistas:

Na Serra do Salto ou de S. Domingos ao sul de Caetité, nos logares: Brejinho Furado da Pindoba, meia légua ao sul de Furados, na Vargem Grande, 3 léguas a Este de Umburanas, no Ouriçangas, 2 léguas de Caetité para o Sul, tem-se extrahido em larga escala e exportando excellentes amethystas. (SAMPAIO, 1905, p.112)

Para Sampaio (1905), a extração das ametistas movimentava um animado comércio, pois era feito em “larga escala”. No entanto, deixa entrever que havia poucas informações na região sobre tal comércio. Muitos anos antes de Teodoro Sampaio percorrer esse território, por volta do ano de 1815 os viajantes Spix e Martius, em viagem pelo Brasil, passaram pela região de Caetité e mencionaram o seguinte:

Na montanha vizinha, e especialmente na encosta de nordeste, chamada Serra de São Vicente, encontram-se vestígios de ouro, que se não cuida de explorar.

As bellas amethystas, celebres pela côr escura, encontradas a dez legoas dahi - em direção do Rio Pardo, constituem importante artigo de commercio e são vendidas, principalmente, aos negociantes de pedras de Minas Novas. (MARTIUS; SPIX, 1938, pp. 42-43)

Além de pontuarem sobre a existência de ouro na região, questão também narrada por memorialistas locais<sup>4</sup>, os viajantes afirmam a existência de um comércio de ametistas no início do século XIX. Mencionam também outra informação de bastante relevância, a comercialização de ametistas envolvendo negociantes de pedras de Minas Gerais, dado que reafirma o dinamismo e as relações econômicas do Alto Sertão baiano.

As informações levantadas por Correia (2010) distanciam ainda mais o início da exploração desses garimpos. Segundo esta autora, o fotógrafo e colecionador de pedras preciosas Werner Leiber, registrou que descoberta das ametistas de Brejinho data do século XVIII, e que provavelmente elas foram comercializadas ilegalmente para a Europa desde 1727. Esses dados aproximam o início da exploração dos garimpos de Brejinho

---

<sup>4</sup> Dário Cotrim destacou que: “[...] no sítio Brejo dos Padres localizavam-se as minas de ouro do Paty e em Brejinho das Ametistas as pedras semipreciosas. Estes sítios tornaram-se famosos pelas suas riquezas em pedras preciosas e semipreciosas, todas elas de excelente qualidade. Essas duas zonas de mineração exerceram papel de fundamental importância para retomada do crescimento da Vila Nova do Príncipe de Santana de Caetité, que prosperou como ponto de passagem, [...]”. (COTRIM, p. 55, 1997)

das Ametistas ao período de pujança econômica provocada pela exploração de ouro na província de Minas Gerais.

O jornalista e literato João Gumes, editor do Jornal *A Penna*<sup>5</sup>, também fez referência à descoberta dos garimpos de Brejinho. Conforme Gumes (1924),

[...] todas as classes deste alto sertão, uma multidão de aventureiros, de imigrantes das Lavras Diamantinas, de vadios, ociosos e exploradores, foram para alli attrahidos rapidamente e formou-se um núcleo populoso, uma cidade de palhoças, como igual nunca se viu n'estas paragens. (GUMES, 1924, p. 76-77)

A busca desenfreada pelas ametistas de Brejinho não foi bem aceita pelo jornalista, que via este fato como resultado de “tradições” em busca de “celebres tesouros”, acentuando ainda que “esse habito inveterado entre nós foi a causa de concorrem para Brejinho das Amethystas verdadeiras torrentes de imigrantes”(GUMES, 1924, p.78). A crítica de Gumes aos garimpos de Brejinho ainda se estende, para ele esta busca pelo enriquecimento rápido é resultado da formação da “raça” brasileira, considerada pelo mesmo como “indefinida”, assim tais “hábitos” foram adquiridos por “sugestão do meio”. Segundo Nogueira (2010), o posicionamento de Gumes se justifica “pela sua apologia ao trabalho”, principalmente quanto à agricultura, única forma consistente de sobrevivida nestes sertões, segundo o jornalista.

É válido destacar que os dados referentes à mineração na região de Caetité estão presentes de maneira indireta em algumas pesquisas historiográficas sobre a região, tal fato, insere esta pesquisa numa discussão profícua e ainda pouco abordada pela historiografia.

Numa busca atenta à historiografia regional, percebemos que a historiadora Maria de Fátima Pires (2003) ao analisar a situação econômica das cidades de Rio de Contas e Caetité no século XIX, comentou que

---

<sup>5</sup> “O Jornal A Penna, editado no município de Caetité, circulou entre os anos de 1897 e 1943. De publicação quinzenal, se dizia o “orgam dos interesses commerciaes, agricolas e civilizadores do alto sertão”. Era impresso na Typographia d’A Penna, de propriedade de João Antonio dos Santos Gumes, jornalista, romancista e dramaturgo, que exerceu os cargos de escrivão, coletor estadual e federal, secretário e tesoureiro da Intendência Municipal. Atuou em diversos governos municipais. Como afirmou em 1912, esteve “[...] desde 1889 intimamente ligado ao serviço e negócios municipaes; assistiu, n’ella collaborando, a reorganização do municipio após a Republica e vio a evolução e melhora de tudo isso acompanhando-as dia a dia” [...]. A Penna, anno I, n. 23, nov. 1912, p. 1. Com a sua morte em 1930, o jornal circulou sob a direção do seu filho Sadi Gumes.” (SANTOS, 2010, p. 1)

**“As bellas amethystas”: Garimpos e relações comerciais em Brejinho das Ametistas  
(Alto Sertão da Bahia, 1870-1930)**

[o]s melhores índices econômicos de Caetité frente a Rio de Contas, explicam-se, em parte, pelo fato de que a mineração em Caetité não foi uma atividade central e proporcionou, por conseguinte, desenvolvimento de atividades agropecuárias. (PIRES, 2003, p. 47)

Mesmo que a mineração desta região não apresentasse índices elevados, se comparado a Rio de Contas, a autora não deixa de sinalizar a presença desta atividade econômica em Caetité. Nogueira (2010, p. 33) também pontua que “[...] os sertanejos foram desenvolvendo os caminhos trilhados para sua sobrevivência; dedicando-se predominantemente às atividades da agropecuária ou ‘do garimpo de ouro, cristais e ametistas’”. Esta mesma autora também destaca que, nos idos de 1900, a sociedade caetiteense passou por mudanças visíveis, com a chegada de vários elementos da modernidade, afirmando que

[a]s mudanças nos costumes são patentes nessas situações de chegada de muita gente de outros lugares, garimpeiros que vinham arriscar a sorte ou que vinham contratados para o trabalho (NOGUEIRA, 2010, p. 33).

Os dados apresentados por estas pesquisas deixam entrever que dentre as atividades econômicas do Alto Sertão da passagem do século XIX ao XX, estavam àquelas relacionadas à mineração.

Durante os séculos XVIII e XIX vários locais da Bahia se destacaram na produção e comercialização de pedras preciosas, principalmente o diamante e o ouro, oriundos da Chapada Diamantina e de Jacobina. Ainda assim,

[p]ercorrer os caminhos da mineração na Bahia a partir do século XVIII é um tanto quanto difícil em função das lacunas deixadas pela própria historiografia que concentrou suas pesquisas nas regiões de exploração auríferas mais expressivas, como, por exemplo, Minas Gerais e Goiás (SANCHES, 2008, p. 22).

Se a historiografia privilegiou pesquisas nas localidades onde a mineração teve mais vulto econômico, torna-se ainda mais difícil estudar esta atividade em locais menos evidenciados politicamente, mas que, especificamente sobre Brejinho das Ametistas, sempre atraiu pessoas da região e até de outros países, principalmente alemães, como abordaremos no tópico seguinte.

Há alguns anos, a historiografia do Alto Sertão da Bahia vem sendo reconstruída através de abordagens singulares. O desenvolvimento destas pesquisas tem revelado dinâmicas e trânsitos sociais entre esses sertões, o litoral e até outros países. A pesquisadora Fátima Pires (2010) considera que

[e]ssa emergente historiografia é favorecida por um conjunto motivador. Destaco como primeiro componente uma disposição (em geral) da comunidade de historiadores em conduzir os seus temas para o estudo de suas manifestações mais pontuais ou relativas a contextos próprios, longe de homogeneidades, embora plenamente articuladas a temporalidades mais amplas, consideradas em seus movimentos históricos. (PIRES, 2010, p. 4)

À luz dos debates da Nova História, que permitiu diversificar objetos e construir novas interpretações históricas, este estudo, portanto contribui para regionalizar uma discussão que até há poucos anos estava direcionada apenas para os grandes centros produtores de minérios, e indica que historiografia brasileira possui muitas lacunas a serem preenchidas.

#### **A parceira entre alemães e Deocleciano Pires Teixeira no comércio das ametistas**

De acordo com a pesquisadora Marina Helena Chaves Silva (2007), embora a presença de alemães na Bahia não tenha ocorrido em grande proporção, no censo de 1920 o estado registrou 328 alemães e, em 1940 foram contados 542. Vale destacar que grande parte desses germânicos vivia em Salvador, mas também estavam espalhados pelo interior do estado, como afirmou esta historiadora.

O documento mostrado abaixo se trata de dados de um recenseamento realizado no ano de 1913 na Bahia, e apresenta o número de estrangeiros que viviam neste estado. Nota-se grande quantidade de italianos, seguido por portugueses. Os alemães somam-se em 118 pessoas. Se compararmos com os dados apresentados por Silva (2007), percebemos que entre 1913 e 1920 estes imigrantes mais que dobraram, certamente as tensões políticas suscitadas pela Primeira Guerra Mundial contribuíram para tal aumento.

“As bellas amethystas”: Garimpos e relações comerciais em Brejinho das Ametistas  
(Alto Sertão da Bahia, 1870-1930)

Recenseamento P. H. - [73]  
Munícipio 1-8-1913 p. 7  
Normalizado

Italianos	2.963
Portugueses	525
Espanhóis	334
Turcos	208
Alemães	118
Holandeses	93
Françeses	59
Austríacos	27
Belgas	17
Inglêses	16
Américanos do Norte	11
Suecos	4
Sírios	3
Canadenses	3
Africanos	1

Figura 1: Imigrantes na Bahia (1913).

Ainda em meados do século XIX, Rômulo Martins (2013) afirmou que vários alemães chegavam a Lençóis, na Chapada Diamantina, para trabalhar nas atividades de mineração. O autor atestou que a empresa mineradora de nome *Assuruá*, contratou, por volta do ano 1858, vários germânicos para o trabalho nas minas de diamantes. “O investimento nos trabalhadores provavelmente foi motivado pelo impacto do fim do tráfico em 1850, que gerou desabastecimento e inflacionou os preços” (MARTINS, 2013, p. 60).

Certamente, a trajetória desse grupo de alemães é similar a tantas outras famílias de imigrantes que vieram ao Brasil no mesmo contexto histórico, sendo contratados ainda em sua cidade de origem. Ainda conforme o autor, esses alemães acabaram por não se adaptarem às condições de trabalho que lhes foram impostas e evadiram-se do local. O historiador não chega a citar os nomes destes alemães e não se sabe para quais locais eles fugiram. A última informação que se teve sobre esses alemães ocorreu em julho de 1860, quando o gerente da Companhia *Assuruá* comunicou ao presidente da província o seguinte:

(...) existem neste município poucos colonos, os quaes estão empregados, sendo um com o Cel. Antônio de Souza Spinola, um com o Dr. Antônio de Souza e Silva, dois com o Dr. Aristides Cezar Zama, um serralheiro na Compahia de Mineração do Ribeirão, um mecânico com Francisco José Lopes em sua officina de ourives, e outro dito que trabalha em sua casa, tendo estes dois últimos, famílias (...) quanto a transferência direi que é muito onerosa. Lençoes 29 de julho de 1860. (MARTINS, 2013, p. 66)

Mesmo não sendo possível afirmar sobre os nomes dos alemães, na fonte citada pelo historiador acima é possível perceber nomes de coronéis e doutores que, ao longo de suas trajetórias, possuíram estreita ligação com Caetité, tais como o Cel. Antônio de Souza Spínola (sogro de Deocleciano Pires Teixeira) e Dr. Aristides Cezar Zama (1837-1906). Além destes dois nomes, vale citar o do próprio Deocleciano Pires Teixeira, natural de Lençóis (BA), que mesmo exercendo a profissão de médico e posteriormente se firmando na política, era filho de Antônio José Teixeira, comerciante de pedras preciosas da Chapada Diamantina (AGUIAR, 2011).

Diante destes dados, supõe-se que estes alemães, “colonos” das minas de Lençóis, tiveram em Brejinho das Ametistas alguma relação com estas personalidades identificadas. Nesta pesquisa ainda não identificamos o ano exato da vinda dos germânicos para Brejinho, sendo possível pressupor que data de fins do século XIX, como evidenciam algumas fontes. A firma alemã, Albert Henrick Becker, instalada em Brejinho iniciou suas atividades logo depois da chegada desses primeiros imigrantes alemães a Brejinho.

O desembarque em grande escala de imigrantes alemães para o Brasil está relacionado à criação das colônias de povoamento, no início do século XIX. Nesse momento inicial, a região sul do Brasil começou a receber grandes levas de imigrantes, principalmente de origem alemã e italiana. Também houve tentativas de implementar esse projeto no sudeste baiano, exemplo disso é a Colônia Leopoldina, mas não obteve sucesso, assim como outras que foram criadas nesta província.

Muitos destes imigrantes também vieram a América do Sul para instalar seus empreendimentos comerciais. Outros chegaram fugindo de conflitos políticos, crises econômicas e as duas grandes guerras mundiais (SILVA, 2007). Como afirmamos, a

**“As bellas amethystas”: Garimpos e relações comerciais em Brejinho das Ametistas (Alto Sertão da Bahia, 1870-1930)**

presença de alemães em Brejinho das Ametistas remonta ao final do século XIX, ficando evidente nas narrativas dos memorialistas locais:

[...] Era sempre um casal de alemães, que vivia e se integrava à comunidade, transmitindo hábitos de higiene e asseio que a população assimilava e dava um ar diferente das outras vilas: casas sempre limpas e floridas, janelas com cortinas, alimentação mais cuidada. O último destes representantes foi o alemão que se naturalizou brasileiro, aí viveu mais de vinte anos, Kurt Walter Dreher. Quando foi obrigado a voltar para a sua pátria, por razões de saúde, vendeu todas as propriedades e doou o total ao Hospital Regional de Caetité, [...]. (SANTOS, 1997, p. 311)

Certamente, a chegada e posterior fixação dos alemães em Caetité e Brejinho foi possibilitada pelas rentáveis parcerias estabelecidas entre os germânicos e Deocleciano Pires Teixeira<sup>6</sup>. Esse sujeito atuou com agente facilitador das relações econômicas movidas pelos garimpos, atribuição condizente com uma de suas atuações à época, a de representante de várias firmas de Salvador nesta região, além de ser um dos políticos e homem de negócios de bastante influência do Alto Sertão da Bahia.

No decorrer das três primeiras décadas do século XX ficou evidente uma estreita relação entre Deocleciano P. Teixeira e os alemães. Nesse sentido, os estudos de Love & Barickman (2006, p. 84) evidenciaram que

[...] um terço de todo o grupo [das elites de São Paulo, Pernambuco e Minas Gerais, da Primeira República ao estado Novo] tinha algum tipo de vínculo com o exterior. Além disso, aqueles que dispõem de conexões com o estrangeiro tendem a ser políticos mais proeminentes.

Para esses autores, tais relações envolviam a exportação, importação ou interesses em firmas estrangeiras. Vinculados a Deocleciano P. Teixeira havia empréstimos de dinheiro, circulação de cheques, depósitos e investimentos relacionados a vários mineradores de Brejinho. Um dos germânicos correspondentes de Brejinho foi Otto Petry, alemão que esteve por longos anos à frente da firma alemã Henrich Albert Becker. As missivas enviadas por ele e por outros alemães destinadas a Deocleciano P. Teixeira são pertinentes para se pensar o papel desempenhado pelo mesmo naqueles garimpos e dinâmica do comércio destas pedras preciosas:

---

<sup>6</sup> Sobre a trajetória política de Deocleciano Teixeira, ver: AGUIAR, Lielva Azevedo. “Agora um pouco da política sertaneja”: A trajetória da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia (Caetité, 1885-1924). Santo Antônio de Jesus, 2011, 163 fls. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História regional e Local). Universidade do Estado da Bahia, UNEB - BA.

Brejinho 9/4.07

A<sup>mo</sup> S<sup>r</sup>.

Dr. Deocleciano Pires Teixeira

Em primeiro lugar visito-vos, desejando que o S. tenha feito uma feliz viagem!

Confirmo o recebimento do dinheiro pelo S. José Costa, de que muito agradeço!

**Peço o S. para fazer-me o favor de dizer-me se não podem fazer as transações de hoje em diante por 1% pois a porcentagem de dois por cento é muito, e os preços das Ametystas na Alemanha são baixo presentemente.**

Sempre ao vosso dispor

Com A. e O.

Alberto Becker<sup>7</sup>

A partir desta carta é possível presumir que houve um possível contrato firmado entre Deocleciano Teixeira e garimpeiros germânicos. Não é possível afirmar a existência deste contrato em sua forma escrita, porém indícios na documentação apontam para existência de acordos tácitos celebrados nas relações cotidianas que envolveram Deocleciano e imigrantes alemães.

A análise de outras missivas nos indica uma relação de confiança e trocas de favores entre Deocleciano e os alemães. Tais relações ocorreram principalmente por que à época não havia posto telegráfico em Brejinho, o que dificultava a comunicação desses alemães com o restante da Bahia e com a própria Alemanha. Com isso, constantemente os alemães solicitavam favores a Deocleciano, sobretudo referentes às transações em dinheiro, indicando uma relação de confiança e interesses mútuos entre as partes, como notamos na missiva a seguir:

Brejinho, 26.5.07

Ill<sup>mr</sup> Sn<sup>r</sup> Dr. Deocleciano Pires Teixeira.

Caetité

Am<sup>l</sup> I Sn<sup>r</sup>

Participo-vos que mandei um telegrama para a Allemanha, para mandar me uma certa quantia, para u banco da Bahia, para os Snr<sup>es</sup> Moraes e C<sup>ia</sup> sacar o dinheiro; e ser entregue a vossa Ex<sup>cia</sup>; peço ao amigo que logo que chegue telegramma para mim; o Sn<sup>r</sup> faça-me o favor de fazer um positivo por minha conta e manda-me.

O Sn<sup>r</sup> Ozório entregará do Sn 900#000 milréis para Sn<sup>r</sup> fazer o favor de trocar para mim de que vos fico muito agradecido

Sempre aqui-ao vosso dispor como

<sup>7</sup> Fundo: Acervo particular da família do Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Data limite: 1896-1930. Caixa 04, (grifos nossos).

“As bellas amethystas”: Garimpos e relações comerciais em Brejinho das Ametistas  
(Alto Sertão da Bahia, 1870-1930)

Amo<sup>o</sup>.  
Cr<sup>o</sup> I Obr<sup>o</sup>  
Otto Petry

Esta carta também nos chama a atenção para outra solicitação bastante recorrente nas correspondências enviadas pelos alemães de Brejinho, o pedido para trocar dinheiro em valores mais fragmentados. Certamente esta era uma forma de facilitar o pagamento dos garimpeiros que trabalhavam para os germânicos, serviço que o comércio local não atendia, indicando também a circulação de altas somas de dinheiro (cédulas). Este fato também remete a uma moeda local, criada pela empresa alemã para circular em Brejinho das Ametistas, cuja utilização será analisada mais adiante. As fontes indicam que esta moeda seria uma espécie de vale, cuja função extrapolou as fronteiras de Brejinho, podendo ser trocada em casas comerciais e agências bancárias de cidades do entorno, como Caetité e Caculé.

A relação econômica entre Deocleciano e os imigrantes garimpeiros de Brejinho vão além da troca de dinheiro. Nos livros contábeis de Deocleciano, os nomes dos alemães se mostraram frequentes, principalmente Otto Petry, além de outro alemão identificado apenas como Eduardo Frz. Estes livros demonstram a circularidade de dinheiro e investimentos em bancos, empresas e companhias envolvendo os alemães de Brejinho e Deocleciano.

“Em poucos dias eu espero dinheiro da Alemanha”: Comércio e exportação de ametistas

A presença germânica mostrou-se bastante ativa nas relações comerciais realizadas na Bahia. Além do fornecimento de mão-de-obra, eles se destacaram no comércio marítimo, ferroviário, comunicação e companhias de seguros. Durante primeiras décadas do século XX, os alemães controlavam parte significativa do comércio baiano:

[...] Cacau, açúcar, fumo, café, couros curtidos, peles, piaçava, **pedras preciosas**, cera de carnaúba, borracha e madeira eram os principais produtos comercializados por firmas exportadoras comandadas por luso-brasileiros e estrangeiros – ingleses, italianos, norte-americanos, **alemães**, suíços e franceses. (SILVA, 2007, pp. 205-206 – grifos nossos)

Com base nas fontes históricas utilizadas para este estudo e partir do intenso fluxo comercial entre a vila de Brejinho das Ametistas e a cidade de Caetité, é possível afirmar que por um longo período as ametistas de Brejinho tiveram como destino a Alemanha. Esse dado faz repensar a historiografia baiana que por muito tempo centralizou a importância econômica dessa região apenas em Salvador e seu litoral. Como já afirmou Pires (2009), a análise de “Livros de razão de ricos fazendeiros do sertão atestam sólidas relações comerciais com a capital da província, e negam um suposto isolamento dessas economias do interior; situação sinalizada presentemente com o crescimento de estudos regionais.” (PIRES, 2009, pp. 70-71)

Escrevendo sobre a geografia e história dos municípios baianos em 1932, o professor Pedro Celestino da Silva, relatou as seguintes informações sobre o comércio do então distrito de Brejinho das Ametistas: “A exportação das amethystas, feita para Alemanha, é estimada em 2.000 Klgrs. anualmente”. Outras evidências desse comércio encontram-se nas missivas abaixo:

Brejinho 15/4.07

III<sup>mo</sup> S<sup>nr</sup> e A<sup>mo</sup>

Deocleciano Pires Teixeira

Caetité

[...]

**Em poucos dias eu espero dinheiro da Alemanha** e o S<sup>nr</sup> vai receber aviso das S<sup>rs</sup> Moraes e C<sup>ia</sup> de pagar por mim uns dez conto de Reis. Sem mais A<sup>mo</sup> e Ob<sup>ro</sup> Alberto Becker<sup>8</sup>

Brejinho 17/2.07

Am<sup>o</sup> e S<sup>nr</sup>

Dr. Deocleciano Pires Teixeira!

Saudações etc;

Aviso ao Am<sup>o</sup> que nestes dias o Snr receberá um aviso dos S<sup>nrs</sup> Moraes e C<sup>ia</sup> da Bahia de remeter-me **a soma de 15 mil marcos**.

Com toda estima e consideração, [sic]

Am<sup>o</sup> e Obr<sup>o</sup>

Alberto Becker<sup>9</sup>

Ao analisarmos tais correspondências, é perceptível a inserção dos alemães residentes em Brejinho no comércio internacional com a Alemanha. Esse dado evidencia que imigrantes alemães, Deocleciano Pires Teixeira e garimpeiros locais foram sujeitos

<sup>8</sup> Fundo: Acervo particular da família do Dr. Deocleciano Pires Teixeira. Série: Correspondências. Data limite: 1896-1930. Caixa 04, (grifos nossos).

<sup>9</sup> Idem.

**“As bellas amethystas”: Garimpos e relações comerciais em Brejinho das Ametistas (Alto Sertão da Bahia, 1870-1930)**

ativos neste processo histórico. Na correspondência acima, chama atenção o envolvimento da empresa “Moraes e Companhia”, da qual Deocleciano Teixeira era o representante em Caetité, no envio de remessas e câmbios de valores monetários, certamente como resultado da venda das ametistas para o exterior.

Outro dado importante, representativo das relações comerciais presentes em Brejinho e arredores, foi a cunhagem de uma moeda pela companhia Heinrich Albert Becker, empresa que possuía sócios residentes na Alemanha, além dos residentes em Brejinho, tais como Otto Petry, que esteve à frente da firma por vários anos. Esta empresa atuou no comércio de ametistas até 1949, quando Walter Dreher, diretor da companhia após a morte de Otto Petry, comprou todas as suas possessões.



Figura 2: Dinheiro emitido pela companhia alemã H. Alberto Becker<sup>10</sup>.

O cunho deste dinheiro viabilizava as relações comerciais dentro do distrito de Brejinho e nas cidades de Caculé e Caetité. Conforme indicam as fontes consultadas, este dinheiro funcionava como uma espécie de vale, o que indica que a companhia alemã possuía solidez e desfrutava de crédito em toda região, proporcionando dinamicidade aos seus negócios. As fontes não indicaram o início da cunhagem desta moeda, no entanto é possível supor que tenha circulado até a substituição monetária do Réis pelo Cruzeiro, em 1942.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-526466569-bk0790-set-das-rarissimas-credulas-do-brejinho-das-amethystas-JM>. Acesso em 07/12/13 as 13:58. Além desse valor (10 mil réis) encontramos notas com outros valores, como quinhentos réis, dois mil réis, um mil réis e cinco mil réis.

Analisando as fontes deste estudo, citada no tópico anterior, associada à moeda cunhada pela empresa alemã, é perceptível a existência de alianças econômicas visando o controle da atividade mineradora no período.

Por estar diretamente envolvido nas relações pesquisadas, Otto Petry<sup>11</sup> é um dos nomes mais recorrentes nas fontes utilizadas, todavia, através da análise de outros documentos, foi possível identificar vários outros alemães, presumivelmente também mineradores<sup>12</sup>. Dados na documentação apontam que Otto Petry esteve na direção da companhia alemã desde o início século, permanecendo em Brejinho até poucos meses antes da sua morte em 1929. Em 1928 ele retorna à Alemanha junto com a esposa Pauline Petry para tratamento de saúde, e não regressa mais a Brejinho.

Conforme abordamos anteriormente, Otto Petry teve uma estreita parceria com um dos sujeitos de grande projeção política e social do Alto Sertão baiano, Deocleciano Teixeira. Informações colhidas no inventário post-mortem do alemão, além de reafirmar seu papel frente à firma mineradora, possibilitam entrever fragmentos de sua trajetória, no período em que esteve em Caetité e Brejinho das Ametistas:

Otto Petry era socio de uma Companhia formada por cidadãos Alemães, para exploração e compra de pedras Amethystas, no arraial de Brejinho onde era, há mais de dez annos, o diretor ou gerente da dita companhia, (cujos outros socios residem na Alemanha);<sup>13</sup>.

A tabela abaixo foi elaborada com base na relação de bens descritos no inventário de Petry, amalhados como resultado de suas atividades em Brejinho e Serra do Salto<sup>14</sup>:

Tabela 1: Relação de bens de Otto Petry<sup>15</sup>.

<b>Bens semoventes e imóveis registrados em Brejinho das Ametistas</b>	
Partes de garimpos	4
Garimpos	5

<sup>11</sup> Além de Otto Petry, Kurt Walter Dreher é outro sujeito bastante atuante na mineração de Brejinho das Ametistas. Walter Dreher chega à vila alguns anos depois da morte de Otto Petry. Desta forma, analisamos sua atuação frente aos garimpos nos capítulos 2 e 3 do trabalho monográfico.

<sup>12</sup> Ernest Becker, Alberto Becker, Hermano Mengues, Rodolfo Caeser, Rodolfo Jacob Bohier, Carlos Neezer, Frederico August Bohier, e o holandês Vershums V. de Voort também estão relacionados à firma alemã que atuava no local, alguns desses residiam em Brejinho, outros foram sócios ou empregados da companhia.

<sup>13</sup> APEB – Seção Judiciário – Inventário – Classificação: 08 – 3609 – 04, p. 18.

<sup>14</sup> Serra do Salto é uma região próxima a Brejinho das Ametistas, atualmente faz parte do território do município de Licínio de Almeida/BA. Muitos mineradores de Brejinho possuíam garimpos neste local, no entanto entendemos que Brejinho possuía certa centralidade sobre todos esses garimpos, e, portanto quando nos referimos aos garimpos de Brejinho também incluímos aqueles de Serra do Salto.

<sup>15</sup> APEB – Seção Judiciário – Inventário – Classificação: 08-3609-04, p. 18

“As bellas amethystas”: Garimpos e relações comerciais em Brejinho das Ametistas  
(Alto Sertão da Bahia, 1870-1930)

Sítios	3
Partes de terra	2
Mangas	3
Casas	12
Posse	9
Gado <i>vacum</i>	62
Gado <i>cavalar</i>	20
<b>Imóveis registrados em “Salto” (termo de Urandi)</b>	
Parte de terra com garimpos	3
Casas	3
“Boccas” de serviço	8
Partes de terras	2
Serviços de garimpo	2
Sítios	1

Os dados apresentados nesta tabela podem sofrer variações, pois encontramos propriedades que possuem outros bens inseridos, havendo casos de sítios que, além de possuir mangas, também aparecem garimpos. O inventário de Petry ainda nos informa sobre os bens amealhados em várias regiões além de Brejinho das Ametistas e Serra do Salto, tais como Caculé (BA) e Água Quente, em Rio Pardo (MG). Nesse último local foram catalogados três “boccas” de serviço de garimpo, uma “cáta”, uma parte de terra e um garimpo.

Na tabela 1 é perceptível, além de áreas com garimpos, a presença de bens relacionados às atividades garimpeiras; gados cavalar, (burros de cargas, dois “cavalos viajeiros” e uma “mula de sella”); gado *vacum*, utilizados como bois de cargas e necessários para o carregamento dos desmontes dos garimpos, fator que atesta o caráter itinerante da atividade mineradora. Além disso, notamos um número relevante de casas, que serviam de abrigo para alguns garimpeiros que prestavam serviços a Otto Petry.

No entanto, a grande maioria das pessoas que para lá se deslocaram viviam em habitações bastante simples, os ranchos de palha. A descoberta do minério de Brejinho atraiu grande quantidade de pessoas ao local, formando inicialmente “ao redor da vila, numerosos ranchos, cobertos de palha de ouricuri, davam um aspecto muito pitoresco ao lugar” (COSTA, 1992, p. 30). Nos ranchos alojavam centenas de garimpeiros atraídos pela riqueza do serviço de mineração. Tal característica assemelha-se aos garimpos do Mato Grosso, estudados pela historiadora Regina B. Guimarães Neto. Para ela, em locais como esses,

[o] aspecto provisório imprimia-se na organização espacial e material das aglomerações garimpeiras: as próprias construções estampavam um “ar de acampamento”, ranchos espalhados, em que os materiais de zinco e folhas de buriti, forneciam portas, paredes e coberturas. A pobreza reinava nesses alojamentos (GUIMARÃES NETO, 1996, p. 137).

Esses ranchos, por muito tempo, serviram de casas para vários aventureiros das ametistas, chegando a influenciar “[...] a denominação para uma das ruas locais, sendo ela, conhecida pelos moradores [atuais] como rua das palhas” (SANTOS & LOPES, 2012, p. 31).

Na década de 1930, Pedro Celestino da Silva identificou em Brejinho das Ametistas, vinte fazendas, e apresenta um panorama sobre a economia da vila:

A lavoura do districto limita-se ao cultivo da mandioca, cana de assucar, feijão, milho, arroz, legumes, e outros productos para consumo local. As demais industrias e artes estão representadas por 30 engenhocas (banguês), 4 engenhocas e alambiques, 20 fazendas, 8 ditas de criação, 16 pastos de aluguel, 4 ferrarias, 6 sapatarias, 4 carpintarias, 6 olarias, 2 alfaiatarias e 3 barbearias (SILVA, 1932, p. 209).

As fazendas, pequenos sítios e engenhos produziam mercadorias que abasteciam aquela região, o que minimizava a dependência dos garimpeiros em relação ao comércio mais abastado da região, centralizado na cidade de Caetité. Esta relativa independência da vila de Brejinho em relação à Caetité não indica isolamento do local em relação a outras áreas, haja vista o envio de ametistas para a Alemanha. O comércio entre as fazendas e sítios presentes em Brejinho era proporcionado pela utilização da “tropa”:

Para nossa viagem de regresso, madrinha contratou dois homens, seu Giácomo e o filho, rapaz, José Catarino, **que possuíam animais que alugavam aos viajantes, e eles mesmos se encarregavam da bagagem** (SILVA, 1992, p. 31 – grifos nossos).

O relato acima foi descrito pelo memorialista Áurea Costa Silva, moradora de Caetité e que durante as primeiras décadas do século XX fazia constantes viagens a Brejinho das Ametistas, acompanhada por sua madrinha<sup>16</sup>. Conforme a narrativa, a dinâmica gerada pela exploração de pedras preciosas em Brejinho proporcionou uma

---

<sup>16</sup> Nogueira (2010) afirmou que para aumentar “suas rendas”, a madrinha de Áurea Costa Silva, cujo nome não foi identificado, sempre se deslocava a Brejinho em épocas de festas, pois a mesma era costureira “[...] e a vila era sempre animada naquelas ocasiões”. (NOGUEIRA, 2010, p. 135)

**“As bellas amethystas”: Garimpos e relações comerciais em Brejinho das Ametistas  
(Alto Sertão da Bahia, 1870-1930)**

diversidade de atividades, como a contratação de serviços para transporte de pessoas e mercadorias entre Brejinho e demais localidades.

As demandas mais frequentes de abastecimento foram atendidas por iniciativas locais. Além da grande quantidade de garimpos, Petry assim como demais moradores da vila, cultivava “roças”, que serviam de alimentação para os bois de cargas, responsáveis pelo transporte do minério, além de fornecer mantimentos que auxiliavam na alimentação dos garimpeiros. Neste sentido, evidenciam-se como atividades complementares para os mineradores a agricultura e criação de animais, para a subsistência e manutenção da base de mineração. Segundo Reis (2008),

[...] as atividades agro-pastoris eram concebidas pelos mineradores como atividades necessárias e intimamente articuladas com o trabalho nas lavras, constituindo assim um todo que garantia a base para a mineração. [...] Dependendo do tamanho da estrutura produtiva, a agricultura e a criação de animais praticada pelos mineradores podiam voltar-se simplesmente para a subsistência e manutenção da unidade mineradora ou também para a produção de um excedente comercializável no mercado interno. Mais ainda, as informações coletadas revelam que, além dessas, outras atividades econômicas – como a produção de derivados da cana e o comércio em vendas/lojas – podiam completar os rendimentos de alguns mineradores (REIS, 2008, p. 8).

Em relação aos garimpos pesquisados na região de Mato Grosso, Guimarães Neto (1996) constatou que os grandes compradores de diamantes daquele local eram chamados de “coronéis dos garimpos” que, além de dominar a arte do mundo dos garimpos, contavam com alianças políticas para viabilizar sua atividade. Esses capangueiros, de acordo a autora,

[...] ao se tornarem os comerciantes de maior expressão, no âmbito do comércio diamantífero, eram os que organizavam e direcionavam e os fluxos de compra e venda das pedras preciosas, aliando-se às firmas exportadoras com sede na capital do país, Rio de Janeiro, e, principalmente, tratavam de garantir a exploração diamantífera, promovendo vinda de homens pobres para toda a zona mineradora (GUIMARÃES NETO, 1996, p. 175).

Na medida em que conseguiam ampliar o domínio sobre a comercialização das pedras preciosas, os capangueiros passavam a interferir nos fluxos de compra e venda e no processo de exploração. Conforme Guimarães Neto (1996, p. 178-179), o “coronel dos garimpos”, eram homens que:

Não permitiam a venda de diamantes sem a sua mediação, mas também se utilizavam de outras práticas vizinhas, mais comuns, como financiar empreitadas para exploração de lavras e equipamentos (mesmo os mais rudimentares), emprestar dinheiro e tornar-se, na realidade, credores de faisqueiros e garimpeiros, exigindo, destes últimos fidelidade e compromisso.

Além das atividades descritas acima, a historiadora identificou por partes dos proprietários de garimpos, a montagem de uma rede de pequenos comerciantes pelas áreas da mineração, através de “[...] faisqueiros ou agentes – seus fornecedores diretos – sabe-se que a prática predominante era a que consistia em distribuir dinheiro – contos de réis – entre seus agentes,” para compra de pedras, movimentando as relações comerciais. Em seguida, os compradores enviavam os lotes de pedras “para o funil das grandes exportadoras, em conexão com o mercado internacional” (GUIMARÃES NETO, 1996, p. 178).

A partir do inventário de Otto Petry, descrito anteriormente, é possível identificar algumas semelhanças entre a atividade mineradora em Brejinho e as localidades estudadas por Reis (2008) e Guimarães Neto (1996), sobretudo no tocante à intensa participação dos proprietários de garimpos nas atividades agropastoris, controle do comércio local, alianças políticas, entre outras.

Outro dado relevante sobre os garimpos de Brejinho é que boa parte desse minério circulou ilegalmente. Exportada principalmente para Alemanha, na primeira metade do século XX, a comercialização das ametistas foi pouco registrada pelos órgãos administrativos. Isso mesmo após a modernização da mineração, efetivada durante os governos de Getúlio Vargas, que criou órgãos de fiscalização, como o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), centralizando através do controle estatal as autorizações e concessões federais para atividades de mineração.

Frequentes também foram as crises econômicas provocadas pela queda de preços. Em momentos como esses certamente as pessoas de menos posses passavam por grandes dificuldades, o que resultava em fomes e migrações. No entanto, as crises também foram acompanhadas por momentos de abundância, situação que parece comum aos locais que possuem garimpos. Desta forma, Silva (1932) afirmou que:

Em 1873, tomou grande impulso a exploração dessas lavras pela concorrência de aventureiros que as procuravam de todos os pontos, de

**“As bellas amethystas”: Garimpos e relações comerciais em Brejinho das Ametistas  
(Alto Sertão da Bahia, 1870-1930)**

sorte que a povoação cresceu, povôu-se, como por encanto, de um pessoal adventicio, criando assim um animado commercio.

Mas, esse crescimento não foi de longa duração, pois, arrefecendo o trabalho, em consequencia de não terem as amethystas exportadas alcançando preços compensadores na Europa, começou então a decadência das lavras pela dispersão de grande parte de seus trabalhadores. (SILVA, 1932, p. 207)

As considerações desse autor informam que o comércio de ametistas teve uma importância significativa no final do século XIX e, após certo tempo, já não desfrutava mais de tanto prestígio na Europa, questão que gerou uma crise deste comércio e teria culminado para sua decadência por volta da década de 1930. Pedro Celestino da Silva apontou também que “o preço varia, conforme a qualidade de pedra, gozando a de 1ª o valor de 2:500\$000.; a de 2ª, 1:200\$000; e a de 3ª, 600\$000” (SILVA, 1932, p. 209).

Estas crises costumam ser frequentes em locais onde há garimpos, mas, apesar da existência de momentos de arrefecimento das extrações, também vive momentos de grande euforia econômica. Sobre os garimpos de Brejinho, esta constatação foi feita por Dom Juvêncio de Brito, bispo da diocese de Caetité, quando visitou a referida vila no ano de 1941, afirmando que, “neste anno, o povo da localidade estava mais animado devido à alta da amethysta, cujo kilo de pedra de primeira está custando oito contos de reis (8:000#000)”<sup>17</sup>.

### **Considerações finais**

Nesse estudo objetivou-se contextualizar o início da exploração dos garimpos de ametistas de Brejinho, a chegada de imigrantes alemães ao local e as nuances que envolveram o comércio desse minério. Procuramos fornecer dados sobre o cotidiano da economia mineradora evidenciadas, principalmente, pelos acordos tácitos celebrados entre os alemães e Deocleciano Teixeira e pela criação de uma moeda (vale) que dinamizou as relações comerciais. Percebemos que embora o principal produto da economia de Brejinho fosse a mineração, destinada principalmente para exportação, outras atividades, como as agropastoris, também se fizeram necessárias para garantir a subsistência da população.

---

<sup>17</sup> Diocese de Caetité - Livro de visitas pastorais - 1934 a 1944, p. 52

Embora esta pesquisa já apresente alguns resultados, a mesma ainda se mostra profícua a desvendar outros meandros da mineração de ametistas de Brejinho. Os secretos lugares subterrâneos por onde se extraiu as famosas “pedras roxas” desde longas datas ainda tem muitas histórias a revelar.

### Fontes

*Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB)*

Sessão: Judiciário

Série: Inventários

ID: Otto Petry

Classificação: 8/3609/04

*Arquivo Público Mineiro (APM)*

Documentos avulsos

*Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC)*

Correspondências Pessoais

Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira

Grupo: Deocleciano Pires Teixeira

Série: Correspondências pessoais

Caixas: 1, 2, 3

Acervo Particular da Família de Dr. Deocleciano Pires Teixeira

Grupo: Dr. Deocleciano Pires Teixeira

Série: Correspondências

Data-limite: 1896-1930

Caixa: 04

Subsérie: Filhos

Livros contábeis

Casa Anísio Teixeira

Grupo: Livro Caixa

Série: Registros Contábeis (Receitas e Despesas)

Data limite: 1911-1924

Maço: 06

Jornais

Jornal A Penna. Exemplares: 1939-1942

Diocese de Caetité

Livro de visitas pastorais – 1934 a 1944

**“As bellas amethystas”:** Garimpos e relações comerciais em Brejinho das Ametistas  
(Alto Sertão da Bahia, 1870-1930)

**Literatura Regional**

COTRIM, D. T. **O distrito de paz do Gentio e a história sucinta de sua decadência.** Montes Claros: A “Penna” Editora e gráfica LTDA, 1997.

SANTOS, H. L. **Caetité Pequenina e Ilustre**, 2 ed. Brumado: Tribuna do Sertão, 1997.

SILVA, A. C. **Luz entre os roseirais.** Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1992.

**Referências bibliográficas**

AGUIAR, L. A. **“Agora um pouco da política sertaneja”:** A trajetória da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia (Caetité, 1885-1924). Santo Antônio de Jesus, (Dissertação de Mestrado). Universidade do Estado da Bahia, UNEB, 2011.

BARROS, J. D. A. **O campo da História:** especialidades e abordagens. 8ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BURKE, P. (org). **A escrita da História:** novas perspectivas. Unesp: São Paulo, 1992.

CORREIA, M. **Variedades gemológicas de quartzo na Bahia, geologia, mineralogia, causas de cor e técnicas de tratamento.** Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em mineralogia e petrologia. São Paulo, 2010.

ESTRELA, E. S. **Os sampauleiros:** cotidiano e representações. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, Fapesp: Educ, 2003.

GRIMBERG, K. A história nos porões dos arquivos judiciários. In: LUCA, T.; PINSKY, C. B. **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Editora Contexto, 2009.

GUMES, J. **O Sampauleiro.** Caetité, Typographia d'A Penna, 1926.

HEINZ, F. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: HEINZ, F. (org.) **Por outra história das elites.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 2006.

JESUS. Z. R. **Eldorado sertanejo:** garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940). Dissertação de mestrado. Salvador, UFBA, 2005.

\_\_\_\_\_. Trabalho e pobreza nas serras auríferas do sertão baiano. (1930-1940), **Revista Mundos do Trabalho**, vol.1, n. 1, 2009.

MARTINS, M. L. A mineração de diamantes e a administração geral dos terrenos diamantinos: Minas Gerais, décadas de 1830-1870. **Revista de História.** SÃO PAULO, Nº 167, p. 129-163, 2012. Disponível em: [www.redalyc.org/articulo.oa?id=285025370006](http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=285025370006)

MARTINS, R. **“Vinha na fé de trabalhar em diamantes”** Escravos e libertos em Lençóis, Chapada Diamantina-BA (1840 – 1888). Salvador, (Dissertação de mestrado), Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2013.

MARTIUS, C. F. P. von.; SPIX, J. B. von. **Através da Bahia** – excertos da obra *Reise in Brasilien* (1938). Disponível em: [www.brasiliana.com.br/obras/atras-da-bahia-excertos-da-obra-reise-in-brasilien/pagina/233/texto](http://www.brasiliana.com.br/obras/atras-da-bahia-excertos-da-obra-reise-in-brasilien/pagina/233/texto). Acesso em 12/02/2013.

NEVES, A. S. **Chorographia do municipio do Rio Pardo**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1908.

NOGUEIRA, M. L. P. S. **A norma dos “bons costumes” e as resistências femininas nas obras de João Gumes** (Alto Sertão Baiano – 1897 a 1930). São Paulo, (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC – SP, 2010.

PIRES, M. F. N. **Fios da Vida: Tráfico interprovincial e alforrias. Escravos e ex-escravos nos sertões de sima. Rio de Contas e Caetité – BA (1860-1920)**. São Paulo, Annablume, 2009.

\_\_\_\_\_. História, historiografia e historicidade: tempos históricos, tempo presente. In: **Caderno de resumos & Anais do 4º. Seminário Nacional de História da Historiografia: tempo presente & usos do passado**. Ouro Preto: EdUFOP, 2010.

REIS, F. M. M. **Traços do cotidiano nas minas de ouro: A estrutura produtiva e o trabalho escravo nas unidades mineradoras setecentistas. XIII Seminário sobre a Economia Mineira. Diamantina – MG, 2008**. Disponível em: [www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario\\_diamantina/2008/D08A003.pdf](http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2008/D08A003.pdf)

RIBEIRO, M. P. **Mulheres e poder no Alto Sertão da Bahia**. A escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901 a 1927). São Paulo. Alameda, 2012.

SAMPAIO, T. **O Rio de S. Francisco e a Chapada Diamantina: trechos de um diário de viagem (1879-80)**. Escolas Professionaes Salesianas: São Paulo, 1905.

SANCHES, N. P. L. **Os livres pobres sem patrão nas Minas do rio das contas/BA: Século XIX (1830-1870)**. Mestrado em História. Universidade Federal da Bahia. UFBA. Salvador. 2008.

SANTOS, C. T.; LOPES, M. M. **Garimpendo a formação do espaço urbano de Brejinho das Ametistas**. Monografia. Universidade Estadual da Bahia – UNEB, Caetité, UNEB, 2012.

SANTOS, P. H. D. **Cidade e Memória: dimensões da vida urbana. Caetité, 1940-1960**. Rio de Janeiro, 2001. (Mestrado em História Social), UNIRIO.

\_\_\_\_\_. Manifestações modernizadoras no Alto Sertão Baiano – Caetité(1910-1920). **Anais do VI Simpósio Nacional Estado e Poder: Cultura**. Universidade Federal de Sergipe - UFS, Aracaju (SE). 2010.

SEYFERTH, G. **A assimilação dos imigrantes como questão nacional**. Mana, 1997.

\_\_\_\_\_. **A dimensão cultural da imigração**. RBCS, 2011.

SILVA, M. H. C. **Vivendo com o outro: Os alemães na Bahia no período da II Guerra Mundial**. Tese de doutorado, Salvador, UFBA, 2007.

\_\_\_\_\_. **Acordos internacionais, mercado interno e cotidiano baiano - a crise nas relações teuto-brasileiras (1937-1945)**. Textos de História, vol. 16, nº 2, 2008.

SILVA, P. C. Notícias Históricas e Geographicas do Município de Caetité. **Revista do Instituto Geographico e Histórico da Bahia**. Nº 58, Seção Gráfica da Escola de A. Artífices da Bahia, 1932.